

A Companhia das Ilhas apresenta

Aeroplano de Asas Partidas

Luís Serra



Apresentação

Neste antologia de Luís Serra (Évora (1970), reúnem-se poemas de *Brinquedos de Latão e Sarampo*, *Tudo Voltaire ao Cabaré*, *Suspeita de Inverno*, *Poema-Cartaz Saloon* e *Saltar pela Janela Cair como um Pato*.

Excerto

Uma tarde quente de chuva

torradeira

Uma mosca no resto doce do prato de veneno
um rumo porno e cor de corrida
um motor imóvel a dar um baile
uma vontade de foder.

contempla o campo seco de Belzebu
deitada de braços
sobre o rectângulo de tijoleiras
das piscinas azuis municipais
nítido nu

Ficha técnica

Género: Poesia

Ano: 2016

Colecção: azulcobalto 33

Número de edição: 074

ISBN: 978-989-8592-78-1

Dimensões: 11×15 cm

Nº de páginas: 80

PVP: 10 €

Luís Serra

Évora (1970)

Livros publicados:

Brinquedos de Latão e Sarampo (Apenas Livros, 2009)

Tudo Voltaire ao Cabaré (Apenas Livros, 2011)

Suspeita de Inverno (Apenas Livros, 2013)

Poema-Cartaz Saloon (O Homem do Saco, 2013)

Saltar pela Janela Cair Como um Pato (Apenas Livros, 2015)



COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3
9930-149 Lajes do Pico, Açores, Portugal

TM +351 912 553 059 / +351 917 391 275
TEL +351 292 672 748

www.companhiadasilhas.pt
companhiadasilhas.lda@gmail.com

UM LIVRO QUE ALARGA HORIZONTES NA POESIA PORTUGUESA ACTUAL

É bom saber que há vias fecundas e interessantes na poesia publicada por cá que escapam às cartografias que, mais ou menos informalmente, vão sendo traçadas. Este livrinho de um autor – Luís Serra – que, tanto quanto é possível saber, faz aqui a sua primeira aparição, nesta colecção chamada “Literatralhas Nobelizáveis”, de uma editora chamada Apenas Livros, oferece-se a uma leitura que apreenda a sua relativa novidade (ou, melhor dizendo, o uso de certos recursos que não estão hoje na ordem do dia), a sua atitude pouco respeitosa relativamente aos protocolos mais comuns da poesia actual. Antes de mais, importa dizer que estamos perante uma poesia que recusa a lógica discursiva. Todo o seu trabalho insiste noutro lado: nos jogos de sentido, nas ligações inusitadas, nos sentidos imagéticos que explodem por concentração vocabular e através da exploração de absurdos semânticos. É bem visível aquilo que a poesia de Luís Serra deve à imagem surrealista, mais do que ao surrealismo em geral. Eis um poema que se chama ‘Inverno’: “Improviso uma época banear;/ línguas/ estrangeiras marcam encontros lubrificos.” E outro, baseado num processo de enumeração: “Uma mosca no resto doce do prato de veneno/ um rumo porno e cor de corrida/ um motor imóvel a dar um baile/ uma vontade de foder.” Veja-se como esta poesia, mesmo na enumeração, não tem nada de descritivo (e, por conseguinte, também nada de confessional: ela desvia-se, aliás, da asserção subjectiva, não há uma única ocorrência do Eu). Toda a sua força está na instauração de sentido, na abertura de horizontes insuspeitados: “Formigas de asas em revoada: concerto para enforcados.”

[António Guerreiro, Expresso, 4 de Julho de 2009, a propósito de Brinquedos de Latão e Sarampo]

PERNINHAS DE RÃ FRITAS

Luís Serra é o nosso mais fino rapsodo quando toca a encher a mais curta distância de tumulto, surpresa e visão. Num esforço por natureza antológico, a miudeza dos seus versos endromina sumptuosos desastres numa página e na do lado requebra-se na mais sincera vénia ao haiku. Mas se o faz, guarda a devida distância, sem ir a correr espetar o seu galho num vaso a ver se

passa por um bonsai. Veja-se como descobre a “nespereira” – “a um canto do pátio/ como ardil amarelado/ que não deserta”. Há um enlaçar de sonho que põe à vista a intimidade das coisas mais dispersas e banais, essas que pareceriam inseduzíveis pelas “urgências perversas” ele uma metáfora. É essa a arma de escolha de Serra, e raramente nos sabe a mero artifício, a um disparo de pólvora seca. Se nos pusermos arranjar-lhe parentes, não é difícil notar a proximidade com os instintos mágicos revelados nas greguerias do virtuosíssimo e tão prolífico Ramón Gómez de la Serna. Aquele punha o génio a trabalhar e parecia um MacGyver a safar-se lírica e airosamente de quaisquer sarilhos. Um Mozart que andasse às esmolos. Mais chegado, um primo para Serra seria Paulo Leminski, que tinha o maior dos respeitos pelas mais distantes tradições, bebendo de todos os chafarizes, mas que também gostava de quebrar a compostura e brincar com o cerimonial do haiku, dando a sensação de que fazia um prato com as perninhas fritas das rãs de Bashō. Numa poesia assim, cheia de cálculo e graça, uma que deixa a milhas os nossos melosos do zen, Serra sabe fechar a delicadeza num manicómio, capturar os retratos do mundo no “espelho turvo da feira”. Ele vê no “Outono” – essa que é a mais exausta das estações onde param os agentes versilibristas – uma “ruína”, ok, mas vê também o seu “baloíçar feroz de sombras”; numa “Aragem” vê uma “conversa de bêbado:/ ranger de portas e janelas/ de um casarão abandonado.” Não é sempre a composição mais inspirada, mas o inusitado sobressalta-nos, coloca a ênfase na destreza dos sentidos, numa tensão que está do lado oposto a essa grande impostura que ameaça a poesia dos nossos dias pelo tanto que cede à facilidade, episódica e anedótica, feita dos quadros narrativos mais desenhados que se procuram justificar com os detalhes do papel de parede, ou muito vivazes ou dos criando ambientes sinistros. Aqui não são servidos comprimidos para fraquezas de coração nem molduras para os ronrons domésticos, aqui os deuses são apanhados a mentir gloriosamente e um “pressentimento” é descrito como “uma matilha de cães vadios/ a espalhar a trovoadas/a esvoaçar como pegadas”; as “cigarras” dão a sensação de ter “o verão emboscado”, numa “manobra anarca/ para nos sequestrar” e um “acampamento cigano” e agarrado com esta proeza descritiva: “muralha/ de pano/ fumo/ e ironia”.

[Diogo Vaz Pinto, jornal *i*, 13 de Fevereiro de 2016, republicado no blogue O Melhor Amigo/Cadernos do Subterrâneo]

